

UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA CONTEMPORANEIDADE

Livia Ferreira Dias • Mestranda do Programa de Pós Graduação
em Educação – PPGEdu. Universidade Federal de Mato Grosso -
Campus de Rondonópolis. E-mail: liviaferreiradias@gmail.com

Cristiane Rojas Cespedes • Mestranda do Programa de Pós Graduação
em Educação – PPGEdu. Universidade Federal de Mato Grosso - Campus
de Rondonópolis. E-mail: cristiane_rojas_1@hotmail.com

Envio em: Fevereiro de 2014

Aceite em: Agosto de 2014

RESUMO: No intuito de refletir sobre a educação atual, considerando o papel do educador em busca da construção de uma sociedade baseada na democracia, cidadania e justiça social, é que este trabalho é constituído e são realizadas algumas considerações com base em teóricos que abordam essa temática. Desse modo, o presente texto tem o objetivo de apresentar discussões de alguns teóricos, evidenciando a importância de realizar um breve histórico a respeito da educação escolar, no que se refere ao surgimento da pedagogia como ciência da educação. Tais discussões acerca dos problemas e possibilidades encontrados na escola contemporânea estão centradas em dois autores, que nos chamam a atenção e que tratam desse assunto com focos diferentes, porém, que se complementam: Maria Amélia do Rosário Santoro Franco e Bernard Charlot. Nossa metodologia se fundamenta nos conceitos de pedagogia, escola e educação na atualidade, para dialogar, bibliograficamente, com pedagogos que discutem educação, pedagogia e infância, e para levantar questionamentos que consideramos relevantes. Não nos preocupa aqui oferecer soluções para os problemas levantados por este artigo. Nosso objetivo maior é apresentar questões que suscitem o surgimento de mais questões. Mais do que das respostas, é a partir das perguntas que as reflexões começam a surgir.

Palavras-chave: Pedagogia Contemporânea. Escola. Educação na Atualidade.

A LOOK ON THE TEACHING PRACTICE IN CONTEMPORARY

ABSTRACT: In order to reflect on the current education, considering the role of the educator in search of building a society based on democracy, citizenship and social justice is that this work is constituted and some considerations are made on the basis of theorists who deal with this subject. Thus, this paper aims to present discussions by some theorists, highlighting the importance of conducting a brief history about school education, with regard to the emergence of pedagogy as science education. Such discussions about the problems and possibilities found in contemporary school are centered on two authors who call our attention to this matter and with different focuses, however, that complement each other: Amelia Maria do Rosario Franco Santoro and Bernard Charlot. Our methodology is based on the

concepts of pedagogy , school and education in today to talk with educators Bibliographically discussing education, pedagogy and childhood and to raise questions that we consider relevant . Not concern us here offer solutions to the problems raised by this article . Our main goal is to present issues which raise the emergence of more questions . More than answers, is from the reflections of the questions begin to arise.

Keywords: Contemporary Pedagogy. School. Education in the Present.

1. INTRODUÇÃO

Para pensar a educação nos dias atuais, visando à construção de uma sociedade baseada na democracia, cidadania e justiça social, deve-se refletir sobre o papel do educador. Educar é ir além da mera transmissão de conhecimentos sistematizados, deve-se perpassar por um conjunto de conhecimentos que auxiliem na construção de valores nos estudantes, e essa lacuna nem sempre é preenchida.

Dentre as Políticas Públicas que surgem como defesa de direitos, destaca-se o Plano Nacional para a Educação em Direitos Humanos (2007), que preconiza a escola concebida de modo articulado a combater o racismo, sexismo, discriminação social e cultural, homofobia, toda forma de intolerância religiosa e outras formas de discriminação presentes na sociedade brasileira.

Além disso, quando discutimos a respeito da escola hoje, no quanto ela nos parece ultrapassada, que os estudantes não veem nela nada de atrativo, questionamo-nos, enquanto educadores, sobre o que poderia ser feito para mudar esse quadro. Solução pronta, ou fórmula mágica? Sabemos que tais, não existem. Porém, a reflexão precisa ser feita, se quisermos avançar e promover alguma mudança no modelo de educação escolar que vêm sendo proposto há séculos, um modelo engessado e incompatível com as mudanças ocorridas na sociedade.

Para Gauthier e Tardif (2010), pedagogia é a codificação de certos saberes próprios ao docente, isto é, “um conjunto de regras, conselhos metódicos que não devem ser confundidos com os conteúdos a ensinar, e que são formulados para o mestre, a fim de ajudá-lo a ensinar ao aluno, para que este aprenda mais, mais depressa e melhor” (GAUTHIER; TARDIF, 2010, p.126). Valter Bracht (2006), ao falar da crise da pedagogia crítica, modernidade e pós-modernidade, defende que a Pedagogia moderna “compreende um conjunto de saberes analíticos e prescritivos inteiramente sintonizados com a concepção de sujeito hoje em crise” (BRACHT, 2006, p. 44). É com essa ideia de Pedagogia que iremos trabalhar e refletir.

Quando paramos para fazer a crítica da pedagogia contemporânea, torna-se indispensável repensar a escola desse mesmo período, afinal de contas, teoria e prática caminham juntas, quando esse é o objeto de estudo.

Recuperar o papel da crítica e do intelectual como seu agente é necessidade imperiosa para criar espaços de contestação ao sistema vigente. Entretanto, não é qualquer crí-

tica ou qualquer trabalho intelectual que abrem caminhos de superação (GHEDIN; FRANCO, 2011, p. 131).

Para Ghedin e Franco, o trabalho do profissional/intelectual comprometido com a pedagogia e a educação é promover o debate, a disseminação das ideias contestatórias diante das situações vigentes. Pensar (enquanto educadores) em nossa concepção de sujeito, do sujeito que pretendemos formar com nossa prática, traz-nos inúmeros questionamentos e nos impõe, assim, a tarefa de refletir sobre como a pedagogia tem contribuído para ampliar os horizontes da educação, dentro de um contexto que se apresenta cada dia mais complexo.

Nossa metodologia se fundamenta nos conceitos acima apresentados para dialogar, bibliograficamente, com pedagogos que discutem educação, pedagogia e infância; para levantar questionamentos que consideramos relevantes, pois, para nós, faz-se urgente que profissionais e intelectuais ligados à educação possam debater e refletir, de forma mais consistente e comprometida, sobre a prática e a formação do ser humano.

Diante dessas reflexões, propomos para este artigo, inicialmente, um breve histórico a respeito da educação escolar e do surgimento da pedagogia como ciência da educação; e, posteriormente, um diálogo com alguns pedagogos, objetivando discutir os problemas e possibilidades da escola contemporânea, em especial com dois autores que nos chamam a atenção e que tratam desse assunto com focos diferentes, porém, que se complementam: Maria Amélia do Rosário Santoro Franco e Bernard Charlot.

2. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

O modelo de escola como conhecemos, hoje, tem suas bases no Iluminismo do século XVIII. Rompendo com a hegemonia educacional da Igreja Católica, os iluministas privilegiavam a razão em detrimento da fé, como única forma de se chegar à verdade. Segundo Cambi (1999), será o iluminismo que “caracterizará de modo orgânico e explícito este novo modelo de mentalidade e cultura, com sua oposição à metafísica e seu vínculo estreitíssimo com a ciência e seu *iter* lógico e experimental” (CAMBI, 1999, p.198). Ainda sobre o Iluminismo, Aníbal Ponce, citado por Muhl (1995), traz esse movimento intelectual como uma das duas grandes revoluções no campo educativo. Essa revolução, promovida pela burguesia, foi necessária para atender à nova realidade que surgia, a realidade capitalista.

O pensamento iluminista sobre educação, essencialmente após a Revolução Francesa, revelou-se falho. A ideia de igualdade, de uma educação que atingisse a todos se mostrou impraticável. A razão não era mais vista como libertadora, surgindo, da crítica a esse pensamento, o modelo de educação positivista. Os positivistas, liderados por Augusto Comte, diminuíram a importância da razão e privilegiaram o modelo monológico das ciências exatas e naturais. Para Habermas, citado por Muhl (2008), “a grande

falha do positivismo é reduzir o conhecimento e a própria racionalidade à atividade científica e técnica” (HABERMAS apud MUHL, 2008, p.121-122).

A partir das críticas aos modelos expostos, abordamos autores que tratam a educação, nos dias atuais, como uma tentativa de superar os modelos passados ou, ao menos, como uma tentativa de avançar em relação a esses modelos. Ao analisarmos textos como o de Cambi (1999), percebemos que existem questionamentos e críticas a características da educação atual, que nos remetem a modelos de educação ainda do século XVIII. Segundo ele, “se mudamos os fins da educação, devem mudar também os programas e métodos. E não é só mudar alguma coisa simples, mas mudar toda a cultura escolar, buscando um novo centro para ela” (CAMBI, 1999, p.211).

3. AS REFLEXÕES DE FRANCO E CHARLOT

Para fundamentar a discussão, primeiro, abordaremos as reflexões que a pedagoga brasileira Maria Amélia do Rosário Santoro Franco faz acerca do que ela chama de “mal-estar da Pedagogia nas sociedades contemporâneas”. Em seu livro, *Pedagogia e Prática Docente*, Franco dialoga com vários pedagogos, buscando “compreender o sentido que atribuem à Pedagogia e como veem as possibilidades dessa ciência para fertilizar as práticas pedagógicas, especialmente as docentes” (FRANCO, 2012, p. 76). Inicialmente, os clássicos, desde Sócrates, Comenius e Rousseau até os mais contemporâneos, como Saviani, Libâneo, Charlot e Meirieu, buscavam suscitar discussões sobre prática docente e escola na contemporaneidade.

Apesar dessa necessidade [de discutir a respeito da pedagogia], pode-se perceber, aqui no Brasil, um grande mal-estar em relação à Pedagogia e seus discursos. Um fato faz-se presente aos olhos de qualquer um: a escola não está conseguindo produzir as aprendizagens previstas; os professores têm dificuldade para ensinar; os legisladores não sabem o que solicitar; os currículos ainda não definiram o que ensinar; a sociedade titubeia em relação ao *para que* estudar! (FRANCO, 2012, p.39).

Questionamentos como estes apresentados por Franco são frequentes nas escolas, entre professores e, muitas vezes, entre os próprios estudantes. A educação escolar vem sendo questionada em vários âmbitos da sociedade sem que uma resposta satisfatória seja dada.

Ao trazer a fala de pedagogos respeitados no cenário brasileiro, Franco (2012) apresenta, entre outras, as ideias de Selma Garrido Pimenta, que introduz o termo “práxis” para interpretar a teoria-prática-teoria, dessa forma, “a teoria instrumentaliza o olhar e a prática coletiva decodifica a teoria” (FRANCO, 2012, p.105). Conforme Pimenta, os conhecimentos repassados na formação inicial não são suficientes, é necessário que se tornem “saberes” quando elaborados na prática; essa concepção também se aplica à formação continuada: o professor reflexivo.

Esta é uma questão fundamental para aqueles que pretendem uma boa escola e bons professores, que produzam aprendizagens significativas para os alunos: a formação não se dá no vazio; a prática docente não se institui no vazio de relações, não se estabelece na neutralidade política (FRANCO, 2012, p. 111).

Existem práticas pedagógicas que não consideram os alunos: excesso de conteúdos transpostos descontextualizados e com foco na punição. Há escolas que perpetuam a exclusão e marcam as diferenças: o aluno nunca será visto como igual pelo professor. Projetos elaborados com base no que a equipe pedagógica determina, em modismos ou somente para atender a programas pontuais que não surtem nenhum efeito são as evidências de que a escola não dá vez e voz para os alunos se manifestarem.

Uma maneira de pensar por uma perspectiva diferente a respeito da educação foi proposta, séculos atrás, por Rousseau, quando o filósofo considerou as especificidades da infância, e que era preciso “conduzir a vontade de aprender, seduzir e encantar o aluno com as possibilidades do conhecimento, oferecer modelos e referências [...]” (FRANCO, 2012, p. 53). Para Franco, as recomendações de Rousseau são muito importantes para instigar as reflexões sobre a educação escolar, que, mais de dois séculos depois, ainda não conseguiu colocar em prática algumas dessas orientações pedagógicas.

Além das preocupações com o modelo escolar atualmente em vigor, podemos ressaltar outros questionamentos que versam sobre as mudanças ocorridas entre os próprios alunos. Franco (2012), em uma parte de seu livro dedicada ao diálogo com Philippe Meirieu, concorda com o autor francês, quando ele expõe sua preocupação com a diversidade que um professor encontra cada vez que entra em uma sala de aula, e as dificuldades que este tem ao lidar com essa diversidade.

Não há fórmulas a aplicar, há apenas sentido coletivo a construir. Está o professor preparado para enfrentar as resistências inexoráveis que o outro (o aluno) opõe? Seus recursos didáticos serão suficientes ante a diversidade que hoje uma sala de aula apresenta? Como lidar com alunos sem desejo de aprender? Como trabalhar com crianças e jovens que construíram nos lares os sentidos da importância da escola? (FRANCO, 2012, p.136-137).

Essas são algumas das perguntas que nós, educadores, devemos não só tentar responder, mas converter as respostas em práticas em prol da transformação da educação e do nosso papel enquanto educador. Questões como essas vêm sendo propostas por pedagogos, com o objetivo de suscitar o debate sobre o papel da pedagogia e da escola na sociedade atual. Ainda na obra de Franco (2012), Pimenta “enaltece a importância do espaço de ensinar: é preciso que as instituições garantam o espaço/tempo de construção das práticas, por meio de infra-estrutura, de equipe pedagógica, de condições de profissionalização” (FRANCO, 2012, p. 113), nesse sentido, avistamos que o início da vida escolar é marcado como um direito dos responsáveis ao trabalho, quando, na realidade, as políticas defendem o direito da criança à educação. A defesa do Direito da Criança deve ser assegurada; quando as crianças adentram na Educação Infantil, ocupando um ambiente específico para elas, convivendo em um grupo que traz valo-

res, crenças e opiniões diversificadas, elas nem sempre são consideradas como sujeitos desse cenário.

Para Franco, as mudanças começam na prática, e essas transformações não acontecem “por decretos, não muda(m) pela vontade expressa de alguns, não muda(m) pela mera imposição de novas políticas educacionais. [...] ela(s) muda(m) quando seus protagonistas percebem a necessidade de mudanças” (FRANCO, 2012, p. 215).

Diante das transformações ocorridas na sociedade contemporânea ocidental, podemos apreender que a educação, o espaço escolar e as práticas pedagógicas também necessitam de mudanças, porém, como já mencionado por Franco, essas mudanças não são simples de serem postas em prática. Propomos, a partir daqui, aliado às ponderações de Franco sobre as práticas docentes e o papel da pedagogia, um diálogo com o pensamento de Bernard Charlot sobre o papel ideológico que a educação pode desempenhar e a noção que ele traz de infância, que contribui para a discussão acerca de um novo olhar a respeito da educação contemporânea.

O francês Bernard Charlot, em *A Mistificação Pedagógica*, discorre a respeito da pedagogia, ressalta o papel político da educação e discute sobre como a criança vai sendo moldada, através dessa educação, para que seu comportamento seja adequado às necessidades da classe dominante. Classe dominante esta, que pode, em diversas ocasiões, ser compreendida como os próprios adultos. Para ele, esse papel da educação que objetiva o “molde de comportamento” dá à escola, enquanto instituição educacional, uma importância política que, por vezes, é negada pelos educadores, como se o espaço escolar estivesse fora do ambiente de influência de ideologias políticas.

A escola desempenha, portanto, seu papel ideológico, concebendo sua relação com a sociedade de um modo também ideológico: corte da realidade social, elaboração de um sistema de ideias escolares que se colocam como autônomas, justificação da realidade social pelo sistema escolar (CHARLOT, 1976, p. 153).

Ao trazer à tona a discussão da pedagogia como uma pedagogia ideológica, Charlot (1976) reflete, também, sobre a ideia de infância e da submissão de crianças em relação a adultos presentes em diferentes visões pedagógicas. Na pedagogia tradicional, a criança é vista como um ser em formação, inacabado, incompleto.

A pedagogia tradicional insiste na insuficiência de desenvolvimento e de experiência e encara, de maneira puramente negativa, a falta de acabamento da criança. Julga a criança como referência ao que deve tornar-se, isto é, em função de uma norma ideal (CHARLOT, 1976, p. 119).

Daí a explicação para o fato de o espaço escolar ser dotado de regras, restrições, que, usualmente, inibem a criatividade ou as atividades espontâneas das crianças, como forma de coibir o que Kant, citado por Charlot (1976), vai chamar de estado de selvageria. A criança, na visão de Kant, deveria ser educada e disciplinada para deixar sua natureza selvagem, e de certa forma animalésca, para se tornar o homem ideal. Charlot (1976) discorda da perspectiva de Kant e ressalta que a educação deve ser focada nas

“necessidades e interesses naturais da criança”. Reforça, ainda, que a criança é diferente do adulto e que sua educação, então, não deve “repousar na autoridade do adulto e na transmissão de modelos, mas na liberdade da criança e na expressão de sua espontaneidade” (CHARLOT, 1976, p. 122). Para ele, a situação de submissão em que vive a criança, em relação ao adulto, é uma construção social e não natural, como se concebe usualmente. E esse estado de submissão, entendido como natural, reflete, diretamente, no modelo de educação que vem sendo proposto ao longo da história.

Segundo Charlot, citado por Franco (2012), deve-se construir o aluno na criança, no adolescente e no jovem, no intuito de que as significações variem de acordo com o indivíduo e com as situações vividas; a relação com o saber é construída individualmente baseada nas histórias pessoais.

Charlot (1976) compara as noções de infância e educação escolar propostas pela pedagogia tradicional e pedagogia nova, ressaltando aspectos que considera relevantes nos dois modelos, e assinalando características que, para ele, devem ser superadas na construção de um modelo que atenda melhor às necessidades das crianças e que respeite seu desenvolvimento e suas especificidades.

Enfim, quer seja tradicional, quer nova, a própria pedagogia se considera eterna, já que é eterna a natureza da criança. Por conseguinte, tal pedagogia é incapaz de resolver os problemas colocados por uma eventual democratização do recrutamento escolar. Para ela, esses problemas ou são apenas quantitativos, ou remetem a diferenças qualitativas naturais entre crianças. Aceita estender o benefício da educação a um número maior de crianças, mas não procura reconsiderar a educação ao mesmo tempo em que as bases sociais da escola mudam, pois ela define a educação com referência a uma natureza humana que é idêntica em todas as crianças, mesmo se apresenta graus de perfectibilidade. Os fracassos da educação não serão, portanto, considerados como fracassos pedagógicos e sociais, mas serão imputados à natureza da própria criança (CHARLOT, 1979, p. 136).

Ao associar o papel ideológico da pedagogia a uma ideia particular de infância, o autor expõe controvérsias nos modelos educacionais propostos desde o surgimento da pedagogia e da escola, e nos convida ao debate sobre como lidar com esse espaço de diversidades, questionando se a escolarização causaria liberação ou alienação.

Além de Franco e Charlot, outros autores contribuíram para os pensamentos que nortearam essa discussão, e corroboram com as ideias propostas por eles. Hidalgo (2008), baseada em Rousseau, diz que “a educação, portanto, não visa a preparação para o futuro ou ao enquadramento do sujeito a um ideal preestabelecido, mas deve tomar como parâmetro a própria vida da criança” (HIDALGO, 2008, p. 87-88). Oliveira (2006), ao citar Paulo Freire em seu texto, vai mais além, ao destacar a crítica que o autor faz o autoritarismo no processo educacional, “que não consiste em eliminar a autoridade do professor em sala de aula e, sim, na utilização pelo professor dessa autoridade para oprimir, reprimir ou manipular ideologicamente o educando” (OLIVEIRA, 2006, p. 120). O próprio Freire (2011) nos diz que, objetivamente, o educador tem que ultrapassar os conteúdos escolares, devendo se preocupar com a formação humana, com a formação do sujeito. O papel do educador é o de formar cidadãos

críticos, conscientes, participativos, que compreendam a importância de seu papel na sociedade e que não aceitem os modelos impostos pela classe dominante. A educação, para Freire, não pode contribuir para reforçar instrumentos de dominação, ela deve se comprometer, justamente, com o oposto. A educação não pode se preocupar somente com o ensinar a ler, ela deve ensinar a refletir.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre os aspectos destacados pelo texto, compreendemos que, para que as mudanças ocorram no campo da educação, elas não podem estar centradas somente em um ponto: no educador e sua prática, ou na pedagogia, ou na concepção que temos de infância e das necessidades da criança, mas, sim, no conjunto de todos esses aspectos. Entendemos que uma escola que leve em consideração o desenvolvimento e os interesses das crianças e jovens, bem como sua diversidade sociocultural, pode ser bem sucedida em suas propostas educacionais.

Diante disso, entendemos que a educação não conseguiu atender às necessidades da sociedade contemporânea, especialmente se levarmos em conta os novos estudos sobre as especificidades da infância. Vivemos um contemporâneo em que precisamos não só discutir as mudanças para a educação, mas, também, colocá-las em prática; promover, na educação, as transformações que a sociedade vem sofrendo. A educação é considerada um campo resistente a mudanças e isso pode ser demonstrado, quando Franco (2012) diz que as recomendações sobre a escola feitas por Rousseau, no século XVIII, são muito valiosas para os dias de hoje, porém, depois de mais de 200 anos, a escola contemporânea ainda não conseguiu transformar em prática essas orientações pedagógicas. No campo da educação, vemos que as discussões contemporâneas não têm dado conta de, na prática, superar modelos educacionais do início da modernidade.

O aluno “ideal” não existe, temos que considerar a pluralidade de culturas e saberes presentes no espaço escolar como ponto de partida para o planejamento pedagógico; partir do que o aluno já sabe e elaborar um plano contextualizado com a realidade local para alcançar os objetivos propostos pela educação contemporânea. Desde a educação infantil, é necessário estabelecer uma relação de respeito ao outro, com o intuito de consolidar um espaço democrático de construção de conhecimentos, em que todos os sujeitos envolvidos tenham voz e sejam capazes de refletirem, criticamente, nas diferentes funções sociais que ocupam.

Não nos preocupa, aqui, oferecer soluções para os problemas levantados por este artigo. Nosso objetivo maior é apresentar questões, que suscitem o surgimento de mais questões. Mais do que respostas, é a partir das perguntas que as reflexões começam a surgir. O que não deve ser feito é abandonarmos a reflexão, por acharmos que é impossível mudar. Franco (2012) propõe que é tempo de “germinar” e afirma que promover a discussão/reflexão é um excelente começo para que essas transformações cheguem, de fato, até a educação, as escolas, os alunos, a sociedade.

5. REFERÊNCIAS

- BRACHT, Valter. **Emancipação e diferença na educação:** uma leitura com Bauman/Valter Bracht & Felipe Quintão de Almeida. Campinas, SP. Autores Associados, 2006.
- Brasil. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos.** Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica:** realidades sociais e processos ideológicos na Teoria da Educação. Rio de Janeiro: Zahar. 1979.
- FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente.** São Paulo: Cortez. 2012.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GAUTHIER, Clemon; TARDIF, Maurice (Orgs). **A Pedagogia:** teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis. Vozes, 2010.
- GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- HIDALGO, Ângela Maria. **Gestão e Currículo:** fundamentos políticos e epistemológicos dos projetos escola cidadã e cidade educadora. São Paulo. Editora UNESP. 2008.
- MUHL, Eldon H. - A crise da modernidade inacabada e os desafios da educação contemporânea. In: **Filosofia e pedagogia:** aspectos históricos e temáticos. Campinas. Autores Associados. 2008.